

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

A sessão inaugural do I. E. C.

Sob a presidência do Sr. Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Maximino Correia, efectuou-se em 10 de Maio de 1944, pelas 16 horas, no edificio da Faculdade de Letras, o acto público de inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, um dos mais novos centros culturais integrados nesse estabelecimento de ensino superior. Estando presentes o Sr. Director da Faculdade, Prof. Amorim Girão, os Srs. Governador Civil do Distrito e Presidente da Câmara Municipal, professores universitários, muitos estudantes e ainda outras entidades, usaram da palavra: o Prof. Rebelo Gonçalves, que falou da organização do Instituto de Estudos Clássicos e da sua actividade científica; o Dr. Victor Buescu, da Universidade de Bucarest, que, especialmente convidado a fazer a conferência inaugural, dissertou com muito brilho sobre «Os estudos clássicos na Roménia»; e o Sr. Reitor da Universidade, que fez várias considerações sobre o novo instituto e agradeceu a valiosa colaboração do Dr. Buescu.

Reproduzem-se a seguir, pela ordem por que foram proferidas, as palavras de cada um dos oradores.

Alocação do Prof. Rebelo Gonçalves

Senhor Reitor da Universidade:
Senhor Director da Faculdade de Letras:
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Decorrido precisamente um ano e meio após a data da sua fundação, pois foi em 10 de Novembro de 1942 que o Conselho da Faculdade de Letras deliberou criá-lo, mas volvido apenas

um semestre sobre o início da sua regular organização, pois foi só no princípio deste ano lectivo que as respectivas bases se fixaram, efectua hoje o Instituto de Estudos Clássicos a sua sessão inaugural. Acto solene, claro está, como não poderia deixar de ser, encontrando-se presentes o digno Reitor e vários ilustres representantes do claustro universitário. Acto sóbrio, porém, apesar da solenidade, como parece convir a um centro de estudos que surge discreta e modestamente, sem alardes nem ostentações, tão exclusivamente empenhado em cumprir os seus desígnios, que nem terá tempo para se ufanar de ser o primeiro do seu género entre nós criado. E não se estranhará, por isso, que o novo instituto, na falta de sala própria onde pudesse efectuar esta cerimónia, tenha preferido à «aula magna» da sua Faculdade o recato da sala de conferências do vizinho Instituto de Estudos Brasileiros, que, diga-se de passagem, oxalá seu vizinho continue a ser, em morada futura, e o seja com os projectados Institutos de Estudos Portugueses e de Estudos Espanhóis, para que juntas floresçam, dentro da mesma Faculdade, a nossa cultura, as duas culturas mais irmãs da nossa e a cultura clássica, mãe de todas três.

Falando aqui pela Direcção do Instituto de Estudos Clássicos (e quanto deploro que não possa também fazê-lo o Sr. Prof. Carlos Simões Ventura, impedido de comparecer!), julgo dever começar por algumas expressões de reconhecimento.

E sabido que o essencial de um instituto de investigação filológica consiste numa biblioteca especializada e tão metódicamente organizada quanto possível : os aparelhos, próprios de outros centros de investigação, cedem aqui o lugar a textos e dicionários, a tratados e dissertações, a revistas e boletins. Pois bem ; não se conseguiria tão cedo um núcleo fundamental de livros e publicações periódicas, sem o qual seria prematura e injustificável a cerimónia de hoje, se não fosse a valiosíssima cooperação de muitos estrangeiros e nacionais, em condições bem significativas. E de frisar que a biblioteca do Instituto de Estudos Clássicos se iniciou sem qualquer auxílio material do Estado e que, tendo tido primícias mais que modestas, já agora conta alguns milhares de volumes, graças ao mecenatismo de diversas entidades e instituições.

Merecem especial agradecimento, pela sua extensão e real valia, as contribuições recebidas dos distintos leitores e docentes estrangeiros desta Faculdade. Cito, por este motivo, os nomes de Albin Beau, de Horace Cartledge, de Jean Rouse e de Vincenzo Spinelli, lembrando a propósito que neste último teve o novo instituto o seu primeiro contribuinte; e junto-lhes, com viva simpatia, os nomes de Emile Planchard, de Joseph Piel, de Luigi Panarese, de Walter Witcomb. Todos, afinal, igualmente interessados em trazer até aqui a bibliografia clássica dos respectivos países, dando consolador exemplo do que ainda pode a fraternidade universitária, por entre as conturbações de um mundo onde quase todas as fraternidades se vão perdendo.

Mas não são menos para agradecer, além destas contribuições individuais, as que têm vindo ou estão a vir de instituições estrangeiras com sede entre nós, como o Instituto Britânico, o Instituto de Cultura Italiana e o Instituto Francês de Portugal; de agremiações europeias de cultura clássica, como o Instituto de Estudos Romanos, da capital italiana, e o Instituto Romeno de Estudos Latinos, de Bucarest; e até de estabelecimentos universitários bastante afastados de Portugal, como a Faculdade de Letras de Angora, donde nos virão muito em breve alguns espécimes da produção humanística da Turquia contemporânea. Em boa verdade, porém, ainda nestes casos se trata de contribuições individuais, porque a munificência das instituições científicas é afinal, por via de regra, de quem as governa e orienta. Por isso, eu não saberia, dirigindo agradecimentos aos citados organismos, deixar de referi-los a várias distintas personalidades: aos ilustres Srs. Pierre Hourcade, George West e Gino Saviotti, directores dos Institutos que em Portugal mais alto representam as culturas francesa, inglesa e italiana; ao Prof. Herescu, sábio presidente do Instituto Romeno de Estudos Latinos; ao Dr. Carlo Galassi Paluzzi, infatigável presidente e animador do Instituto de Estudos Romanos, por cuja deliberação iremos receber as monumentais publicações desse grande centro cultural, hoje, sem dúvida, o maior fomentador e propulsor de latinidade; enfim, aos Profs. Sevket Aziz Kansu e Lutfullah Herdem, respectivamente decano da Universidade e director da Faculdade de Letras da capital turca, com os quais

me foi dado travar relações por intermédio do distinto escritor, actual secretário da Legação de Portugal em Angora, Dr. Luís Norton de Matos. E a outros mais nomes eu aludiria, com certeza, se as presentes dificuldades de comunicação não fossem estorvo a todas as relações culturais ; pelo menos, assinalaria algum serviço do benemérito secretário da Sociedade de Estudos Latinos de Paris, Prof. Marouzeau, de cuja boa vontade para com o Instituto de Estudos Clássicos tenho gratíssimo conhecimento.

Por outro lado, também a portugueses devemos gratidão. Não apenas aos directores de bibliotecas públicas, de corporações científicas e de estabelecimentos de ensino que de bom ânimo nos têm remetido publicações diversas ; não apenas a vários autores de livros didácticos latinos, a cuja fineza e generosidade nunca recorreremos baldadamente ; não apenas, ainda, aos mais directos coadjuvantes da nossa actividade, todos eles dedicadíssimos, como tem sido o meu bom amigo Dr. Francisco Morais, em valiosas* funções de conservador; mas também, e muito em especial, a individualidades universitárias sem o apoio das quais faltariam condições imprescindíveis para a criação, em moldes científicos modernos, de uma biblioteca de filologia clássica. Refiro-me, como é óbvio, às autoridades escolares de quem o Instituto de Estudos Clássicos mais tem recebido, até agora, favor e estímulo. E, se entre estas muito me cumpre lembrar o actual director da Faculdade de Letras, Prof. Amorim Girão, por um sem-número de manifestações e penhorantes testemunhos de solidariedade; se entre as mesmas tenho de recordar o director precedente, Prof. Providência Costa, a quem todos os institutos da Faculdade, antigos ou novos, em boa parte devem, com as melhores condições para florescerem, a própria circunstância de existirem ; não me importa menos salientar a prestigiosa figura que hoje nos honra com a sua presidência e que, professando embora, como mestre universitário, ciência muito diversa das matérias gregas e latinas, não raras vezes tem patenteado espírito e alma de humanista, espírito, na verdade, profundamente compreendedor das virtudes da cultura clássica e alma sinceramente desejosa de que fados bons a favoreçam. Senhor Reitor: — nunca saí do gabinete de V. Ex.^a, aonde tanto tenho ido pedir para o mais jovem

instituto da minha Faculdade, que não me apetecesse vir proclamar aos oficiais do mesmo ofício: «O nosso Reitor tem o nosso credo.»

Ditas estas palavras de agradecimento, poderia seguir-se uma exposição circunstanciada do programa de trabalho a realizar. Como, porém, este programa já foi enunciado noutra altura (1), com certa soma de pormenores, dispensar-me-ei de o analisar em substância, limitando-me a insistir no espírito que deverá nortear o seu exacto cumprimento. E esse há-de ser um espírito de rigor científico de que por todos os meios se fará constante e aturada observância, para que o novo instituto possa estar à altura da missão que se impôs e ao mesmo tempo continue as normas de meticulosidade crítica e de escrúpulo doutrinal que têm tradição no grupo de Filologia Clássica desta Faculdade. Por fortuna, indica-nos este rumo uma sombra permanentemente inspiradora, a sombra indelével do Prof. Gonçalves Guimarães, prolongada no que foi o melhor discípulo de tão notável mestre, o muito sábio professor Dr. Simões Ventura. Ela nos acompanhará, essa veneranda imagem, apontando-nos o caminho da justeza em tudo o que houvermos de fazer pela causa das letras antigas, quer se trate da preparação e orientação de monografias escolares, de trabalhos de seminário como alguns que já estão em curso, quer da feitura de obras com maior amplitude, como vai ser a revista *Humanitas* e algum dia será uma colecção de autores latinos e gregos, quer do simples auxílio ou patrocínio de empreendimentos alheios, como a projectada e muito simpática fundação do Centro Humanístico de Estudantes.

Demais a mais, permita-se-me notá-lo, o exemplo do Prof. Gonçalves Guimarães, estando vivo em páginas de obras suas, subsiste e perdura sobretudo, dentro desta casa, em repercussões e reflexos directos do seu ensino catedrático. Ainda há pouco, lendo um relato da sua orientação docente, contido no manifesto que em 1919 a Faculdade de Letras de

(1) Em 18 de Outubro de 1943, na oração de sapiência proferida na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra.

Coimbra dirigiu ao País, se me representou o que ela devia ter sido em precisão doutrinária e minúcia crítica, — facetas primordiais do mestre que entre nós implantou a leitura restaurada do latim., trouxe para a exegese dos textos os recursos de um espírito eminentemente lógico e por muitas outras formas venceu a rotina no ensino superior das velhas humanidades. Ora é com o espírito tão bem patente nesse relato, com esse claro e metódico espírito de rigor científico, que de todo se conforma e se identifica a Direcção do Instituto de Estudos Clássicos, ansiosa de concorrer com ele para o renascimento da nossa cultura humanística, até aqui impedido por dois males funestos : o vazio da improvisação e o amadorismo, que infelizmente grassam, quais males epidémicos, no nosso campo de estudos gregos e latinos, não menos que na área nacional da filologia portuguesa, a qual ninguém já diria, tão mudada está, ter sido a ciência de Carolina Michaelis e de José Leite de Vasconcelos.

Depois destas considerações preliminares, que não poderiam ser omitidas, começaremos imediatamente a trabalhar, porque de propósito se quis que esta sessão pública fosse uma sessão de trabalho, e não de simples formalidade proemial. Passaremos, por isso, a ouvir, dentro de momentos, numa exposição sobre tema de incontestável interesse—«Os estudos clássicos na Roménia»—, o prelector especialmente escolhido para este acto, o ilustre e sapiente latinista da Universidade de Bucarest Sr. Doutor Victor Buescu, que tenho a honra e a satisfação de apresentar a VV. Ex.^{as}

E será caso para se dizer, minhas Senhoras e meus Senhores, que em boa hora se conseguiu, para a inauguração do Instituto de Estudos Clássicos, uma colaboração científica não apenas valiosa, mas de múltiplo significado. Em primeiro lugar, não pode ser-nos indiferente que Portugal e a Roménia, vergôntes da mesma estirpe latina, concorram nesta hora, por meio de uma palavra erudita, a celebrar o mesmo culto: tocam-se deste modo, com simbólico valor, os dois extremos da latinidade. Além disso, uma síntese do que os Romanos têm feito pelas humanidades antigas bem pode ser-nos sugestão e exemplo: filhos de um país pequeno, onde tanto decaíram

grego e latim, meditemos no renascimento clássico de um país não muito grande, considerando o vasto saber dos seus hele-nistas e latinistas, a ciência nova que eles acumulam em revistas especializadas, a operosidade que lhes dá representação numerosa em congressos e reuniões internacionais, enfim o prestígio que incorpora algumas das suas produções, como a *Bibliografia da Literatura Latina*, agora mesmo publicada pelo Prof. Herescu, no número das obras básicas do classicismo contemporâneo. Por outro lado ainda, teremos exemplo e sugestão na própria individualidade de quem nos vai falar: bom padrão, com efeito, para classicistas portugueses, o currículo de um jovem latinista que se doutora antes dos trinta anos, após estudos feitos sob a orientação de Marouzeau, Ernout e Bayet, adquire, desde muito novo, particular autoridade na crítica verbal de textos latinos, e, depois de variadíssimos artigos, recensões bibliográficas, traduções em prosa e em verso, dá a lume a monumental edição dos *Aratea* de Cícero.

Sr. Doutor Victor Buescu: — em nome da Direcção do Instituto de Estudos Clássicos, agradeço a preciosa colaboração que V. Ex.^a vem trazer a este sector da Faculdade de Letras de Coimbra. E não quero deixar de congratular-me com uma circunstância que sei ter-lhe sido particularmente grata: a coincidência da inauguração deste instituto e da sua participação nos respectivos trabalhos com a data histórica da independência do seu nobre país.

Duas palavras ainda, antes de terminar.

Tendo solicitado logo para hoje a colaboração de um estrangeiro insigne, a Direcção do Instituto de Estudos Clássicos deseja declarar, muito a propósito, que deliberada e sistematicamente recorrerá ao concurso de estrangeiros, do qual não saberia eximir-se para levar por diante a sua cruzada de classicismo. Se é em mestres de outros países — alemães, franceses, ingleses, italianos e quantos mais — que sobretudo haurimos o saber moderno com que podemos ensinar as letras antigas, não faria sentido que, por vãos preconceitos nacionais, nos abalançassemos a desenvolver sozinhos, à margem da experiência alheia, um instituto universitário consagrado a essas letras. Onde cedêssemos

a tais preconceitos, começaríamos a violar a pura essência do espírito científico, que não tolera particularismos nacionalistas, além de nos tornarmos menos dignos do nosso próprio passado, de tempos como aqueles em que Portugal era grande no latim e no grego, e mesmo assim chamava de várias bandas, para a sua Atenas, quem os ensinasse de parceria com alguns dos seus.

Recorreremos, pois, a estrangeiros, sem constrangimento de qualquer sorte. Pedir-lhes-emos conselho, sugestão, auxilio directo em muitos dos trabalhos que empreendermos : nas nossas investigações, nas nossas publicações, nas nossas conferências. E, quando houvermos de recebê-los em actos públicos, não sentiremos desdouro em lhes fazer, ao mesmo tempo por urbanidade e por noção das nossas limitações, o que os Lacedemónios, em suas públicas solenidades, costumavam fazer aos cidadãos de fora: dar-lhes-emos, sem custo, os melhores lugares.

Conferência do Dr. Victor Buescu sobre
«Os estudos clássicos na Roménia»

Ex.^{m0} Senhor Reitor da Universidade:
Ex.^{m0} Senhor Director da Faculdade de Letras:
Senhores Professores :
Minhas Senhoras e meus Senhores :

Falar perante YV. Ex.^{as} dos estudos clássicos na Roménia, neste dia duplamente festivo, é para mim uma honra tão grande quanto agradável” Duplamente festivo, disse, e com verdade, porque é, antes de tudo, o dia da inauguração do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra,—o primeiro instituto deste género fundado em Portugal. Mas seja-me permitido acrescentar que a data de hoje tem para mim um outro significado, um significado particular: 10 de Maio é o dia mais querido de todos os corações romenos, pois nele se comemora o aniversário da independência nacional, adquirida em 1877. Se tomo a liberdade de fazer esta aproximação, é para melhor sublinhar a honra que me foi concedida, e graças à qual a

Roménia, nestes momentos difíceis da sua história, se encontra presente, como um símbolo da sua missão milenária de ilha latina em pleno mundo oriental, sob o tecto da gloriosa Universidade conimbricense.

Por me ter proporcionado o ensejo da aproximação destas duas razões de regozijo luso-romeno, que substancialmente são uma só — quer dizer: a comunhão festiva em latinidade dos nossos dois povos latinos —, exprimo a minha profunda gratidão ao Prof. Dr. Rebelo Gonçalves; e dirijo os meus mais efusivos agradecimentos a S. Ex.^a o Senhor Reitor da Universidade, ao Senhor Director da Faculdade de Letras e aos Senhores Professores, por se terem dignado honrar-me com a sua presença.

Falsearia, sem dúvida, o próprio sentido deste tema quem, ao propor-se tratar dos estudos clássicos na Roménia, não recordasse, antes de mais, a origem latina deste povo, já que a latinidade, antes de ser um calmo e erudito trabalho de biblioteca, foi para os Romanos uma luta áspera e generosa pela existência nacional. Mas, uma vez posto este princípio, não me deixarei arrastar pelo excesso contrário de demonstrar a romanidade da Roménia. Já tive ocasião de verificar, desde que me encontro no vosso país — há cerca de dois anos —, a forte e popular simpatia que Portugal sente pela sua distante irmã do maciço carpático: esta certeza me dispensa de um longo arrazoado probativo. Num comovente artigo sobre o drama da Roménia, país fisiograficamente oriental, mas psiquicamente ocidental e latino, escrevia há pouco um dos maiores jornalistas portugueses: «A língua romena conserva, *como nenhum outro idioma ocidental*, as raízes, a sonoridade, a sintaxe da sua origem materna (1).» Eis uma afirmação que corporiza a plena consciência dos Portugueses quanto à génese do povo romeno e torna supérflua a muita insistência no assunto, sobretudo perante uma tão douta assembleia. Por isso me limitarei a recordar, nesta ordem de ideias, que o povo romeno tira a sua origem das expedições que o imperador Trajano, o *optimus*

(1) [Augusto de Castro], «A estrada do Danúbio»: *Diário de Notícias* de 21 - v 1 - g 44.

princeps, fez entre 101 e 107 d. G. ao norte do Danúbio, na Dácia. A submissão e a romanização deste imenso território decidiram para sempre o destino do povo romeno, que sente ufania em proclamar que o seu certificado de nascimento, redigido em bronze, se encontra em Roma, em pleno Foro e à vista de toda a gente: é a coluna de Trajano, cujos baixos-relevos contam os episódios da guerra daco-romana. A formação dos Romanos enquadra-se, deste modo, na vasta obra colonizadora e civilizadora que Roma empreendeu, e reproduz o processo de formação dos povos ibéricos, com uma perfeita semelhança de causas, métodos e efeitos.

Tal como nas várias regiões submetidas ao domínio romano, não foi o latim clássico ou literário, mas sim o latim rústico (impropriamente chamado «vulgar») dos soldados e dos colonos que deu origem à língua romena. Mas tem aqui lugar uma observação aparentemente paradoxal: a difusão do latim foi mais rápida na Dácia que nas outras províncias mais próximas da metrópole. Um passo de Eutrópio (vin, 6) dá-nos, porém, a explicação desta singularidade: segundo este historiador, a longa e mortífera guerra que o povo trácio dos Dácios sustentou contra os Romanos, e depois as grandes migrações dos povos que se realizaram em seguida à conquista, tinham causado na Dácia uma tal escassez de homens, que Trajano se viu na necessidade de a repovoar por meio de colonos, que fez vir de todas as partes do Império: . . . *Traianus, uicta Dacia, ex toto orbe Romano infinitas eo copias hominum transtulerat ad agros et urbes colendas; Dacia enim diuturno bello Decaballi uiris fuerat exhausta*. Como consequência deste eclipse (não pode falar-se de uma desapareição completa) da raça indígena, a romanização da Dácia foi, por assim dizer, imediata; a antiga língua trácia (ou geto-dácia) foi como que varrida do solo com os seus primeiros habitantes, ao mesmo tempo que um novo idioma e um novo povo ali se vinham instalar: o povo pré-romeno, que falava um latim rústico salpicado dos dialectismos das várias terras natais dos colonos. Idioma e povo que se tornaram, durante a Idade Média, na língua e no povo romenos.

A língua — repetimos — que estes colonos traziam consigo para a Dácia não era o latim do Lácio, mas o latim do Norte da Itália ou das províncias vizinhas, o que explica por que

motivo a língua romena actual, ao lado das palavras que parecem ascender aos primeiros dialectos itálicos, possui um certo número de expressões de origem ibérica ou gaulesa. Lembremo-nos de que o próprio imperador era hispano de nascimento e de que a colonização não se efectuou só no reinado de Trajano: durante cerca de duzentos anos, do século II ao século IV d. C., a população latina da Dácia aumentou ou renovou-se constantemente com outros emigrantes.

O período que começou quase na véspera da conquista e se prolongou por mais de um século depois de Trajano, através dos reinados de Adriano, Antonino e Marco Aurélio, pode bem considerar-se como a idade de ouro da *Dacia felix* romana. Porque, pouco depois, os Bárbaros começam a arremeter, e a Dácia é várias vezes perdida e reconquistada. A partir de 235, desaparecem da província todos os vestígios de administração regular, até que, em 271, o imperador Aurélio, atemorizado com os avanços dos Bárbaros nas províncias limítrofes, transporta as legiões para o sul do Danúbio. Acompanham as tropas na sua retirada as famílias patrícias, a maior parte das quais estranhas à província, a rica burguesia indígena e todos aqueles, em suma, que tinham uma posição ou uma fortuna para defender. Só os colonos, ligados à terra, permaneceram na Dácia trajana. O latim oficial desaparece, e a língua rústica torna-se a única falada naquela província.

As invasões bárbaras, que se sucederam, quase sem interrupção, do século IV ao século X, não alteraram profundamente a natureza latina da antiga colónia. Por um fenómeno estranho, mas de que os historiadores são testemunhas, enquanto as províncias vizinhas da Dácia — a Panónia, por exemplo — se haviam tornado bárbaras pela língua, os descendentes dos colonos de Trajano, cercados pelos invasores, mas não confundidos com eles, conservavam quase sem mistura o idioma dos seus antepassados.

Fenómeno ainda mais estranho, se o enquadrarmos no processo de decomposição da latinidade nas províncias da periferia: não foi só a Panónia, foi também a África do Norte, as Ilhas Britânicas, o Nórico, a Mésia, a Ilíria, etc., que sucessivamente perderam a pegada romana. Só a Dácia resistiu às hordas bárbaras. Porquê?

Em primeiro lugar, pelo próprio facto do seu abandono, em 271, por Aurelio. Afirmção paradoxal à primeira vista, mas verídica, se se pensar que, de outro modo, o cicl'one bárbaro teria arrasado todos os obstáculos que se lhe opusessem.

Outras explicações do que depois se chamou, e com verdade, «o milagre romeno», temo-las no carácter agrícola da romanização da Dácia e no facto incontestável de esta romanização ser muito anterior à conquista de Trajano, o que nos permite afirmar que a influência romana na Dácia não começa a partir de 107 d. C., mas pelos princípios do 11 séc. a. C., conforme testemunha, entre outros factos, grande número de inscrições.

Seja como for, o certo é que o povo romeno, cuja língua conserva ainda, com miraculosa pureza, o essencial do le'xico e da sintaxe latina, afrontou vitoriosamente, às portas orientais da Europa, o embate formidável das hordas nómades, e isto graças à consciência da sua antiga origem romana, que nunca se perdeu, nem mesmo nos anos mais obscuros da Idade Média.

Assim, de uma carta do Papa Inocência 111, enviada em 1189 ao chefe do império romeno-búlgaro Ionitza Asan, e pela qual o Sumo Pontífice convidava este imperador a voltar para o seio da Igreja Católica, resulta nitidamente que, pelos fins do séc. xn, o povo romeno sabia que era descendente legítimo dos Romanos, que o imperador Ionitza tinha comunicado ao Papa esta tradição e que o Papa se serviu habilmente dela para alcançar os seus fins proselíticos. Inocência 111 começa realmente por felicitar o imperador Ionitza pela sua ascendência romana e pela origem latina do povo romeno, para disso tirar o argumento conclusivo de que : ... *ut, sicut genere, sic sis etiam imitatione Romanus, et populus terrae tuae, qui de Romanorum um sanguine se asserit descendisse, Ecclesiae Romanae instituta sequatur, ut etiam in cultu diuino mores uideantur patrios redolere* (Docum. Hurmuz., 1v, 1, p. 669, n.º DXCV).

Deixemos vários outros testemunhos semelhantes, como o do fim do séc. xn, devido ao notário anónimo do rei Bela ui, ou ao historiador bizantino Kinnamos, da mesma época, como ainda o que nos é ministrado, no séc. xv, por outro escritor bizantino, o sábio Chalkondylas ; deixemos ainda os tão numerosos como eloquentes testemunhos emitidos, acerca da roma-

nidade romena, pelas mais proeminentes figuras do Renascimento italiano, que se puseram, por assim dizer, a ((descobrir) o povo latino das embocaduras do Danúbio, —testemunhos esses que andam disseminados pelos escritos de humanistas como Poggio Bracciolini, Eneias Sívio Piccolomini, Nicolaus Machinensis-Modrussensis, António Bonfini, Flávio Biondo e muitos outros. As palavras destes humanistas chegam a ter, por vezes, acentos comovedores, como as de António Bonfini (1472-1602), historiógrafo do rei húngaro de origem romena Matei Corvin, o qual se exprime deste modo: «Se bem que várias ondas de bárbaros tenham inundado a província romana da Dácia..., todavia não puderam aniquilar nem as colónias nem as suas legiões romanas. Invadida pelos Bárbaros, conserva, ainda assim, a consciência da língua de Roma; e os [Romenos] mostram-se tão tenazes em não abandonar completamente a sua língua latina, *que dir-se-ia terem lutado menos pela vida do que pela salvação da língua*. Tomando realmente em consideração as ininterruptas invasões dos Sármatas e dos Godos, os desacatos dos Hunos, dos Vândalos e dos Gépidas, as irrupções dos Germanos e dos Lombardos, — quem, após madura reflexão, se não sentirá tomado de uma admiração veemente, ao verificar que os vestígios da língua latina se conservaram até nossos dias entre os Dácios e os Getas ?» (*Rerum Hung. Decades*, m, 9, p. 530 da ed. Kraus, Lípsia, 1921.) A origem latina não era sentida e comprovada somente pelos humanistas, mas pelo próprio povo romeno, o que confere, assim, um valor de facto aos testemunhos indicados. Assim, Flávio Biondo escreve ao rei Afonso de Aragão, em 1453, que «os habitantes da região do Danúbio, chamados Dácios ribeirinhos ou Valáquios, se orgulham da sua ascendência romana»; e Domenico Mario Negri atesta, na sua *Geografia*, compilada no princípio do séc. xv, que os Romenos «afirmam com pertinácia que foram Romanos e que foram trazidos [para a Dácia] em tempos anteriores como colonos» (*. . . seque Romanos fuisse, ibique prioribus temporibus in coloniam deductos pertinaciter asseuerant*).

Mas todos estes testemunhos da persistente consciência latina dos Romenos são, como se vê, indirectos. Não esqueçamos, contudo, que no séc. xvi esta «descoberta», feita pelo Renascimento italiano, se tornara do domínio comum.

Já no sec. $\chi\nu\pi$, porém, se fazem ouvir os primeiros acentos verdadeiramente *romenos* de consciência latina e nacional, pela voz dos cronistas moldávios, nomeadamente pelas de Grigore Ureche e Miron Costin. Estas primeiras crónicas são devidas ao Renascimento italiano emigrado na Polónia, que contava uma plêiade de humanistas como Filippo Buonacorsi, Alessandro Guagnini, Pandolfo Colenuccio, Arnolfo Tedaldi, etc. Este culto da latinidade clássica foi levado para a Polónia, país católico de língua eslava, não só pelos Italianos, como também pela juventude polaca que ia estudar às escolas da Itália. Assim, o grande chanceler Ian Zamoiski, príncipe dos humanistas polacos, fizera os seus estudos em Pádua, à qual se referia nestes termos de reconhecimento: *Patauium uirum me fecit* ; e foi também na Itália que estudou o maior escritor da época de ouro da literatura polaca, Ian Kochanowski. Educados nas escolas jesuítas da Polónia, neste ambiente de fervor humanístico, Ureche e Costin não tardaram a tirar da cultura clássica os argumentos da origem latina do seu povo. A presença, aliás, destes dois boiardos moldávios nas escolas da Polónia não é um facto isolado. Aí pelo meio do séc. xvii, no reinado do príncipe Vasile Lupu (Basílio, o Lobo), assinalam-se na Moldávia várias escolas superiores, onde se ensinava o latim: o Colégio Jesuíta de Iasi, o Seminário Católico de Galatzi, etc. Nestas escolas dava-se um tal valor ao ensino da língua latina, que, segundo o missionário franciscano Marco Bandini, os estudantes, quando vinham à corte do príncipe, no Natal, para o saudarem costumavam recitar-lhe versos latinos adequados a esta circunstância. E o jesuíta Francesco Renzi notava, em 24 de Julho de 16g3, num relatório para a congregação «De Propaganda Fide», de Roma: «... Hoje, toda a flor da nobreza [moldávia] fala latim e não poucos deles são até muito eruditos.»

Depois dos seus estudos no Colégio dos Jesuítas em Lemberg, Ureche concebeu a ideia de escrever a história dos Romanos e é ele o primeiro cronista romeno que revela ao povo a sua origem latina: «... de Roma descendemos... Dos Romanos, a quem chamamos Latinos: *pâine*, eles dizem *panis*; *carne*, eles *caro*; *gâina*, eles *galina*; *muiere*, *mulier*;... *nostru*, *noster*, e muitas outras [palavras derivadas] da língua

latina; e, se prestássemos muita atenção, compreenderíamos todas as palavras... »

Mirón Costin, o continuador de Urecke, fez uma parte dos seus estudos no Colégio Jesuíta de Bar, na Podólia polaca, onde a língua do ensino era exclusivamente o latim. Costin assimilou perfeitamente esta língua e adquiriu uma sólida cultura clássica, que se manifesta nos seus estudos históricos. «De Roma descendemos...»: era a segunda vez que tal afirmação era feita por lábios romenos, o que nos mostra que, embora latente, a consciência da origem latina permanecia no fundo de todos os corações.

O Renascimento encontra a sua síntese romena em Dimitrie Cantemir, príncipe reinante da Moldávia (1673-1723). Cantemir é um sábio de fama europeia, membro da Academia de Berlim e grande poliglota: falava não só o romeno, o latim e o grego antigo, mas também o russo, o turco, o árabe, o persa, o italiano, o grego moderno, o eslavo, o francês, o alemão, etc. Em Cantemir, os estudos clássicos romenos conhecem a sua consagração internacional, graças a trabalhos como a história do império turco, publicada em latim com o título de *Historia incrementorum atq̄ie decrementorum Aulae Othomanicae*, vertida para inglês ; *Descriptio antiqui et hodierni status Moldaviae*, pedida pela Academia de Berlim e traduzida para alemão; a *Crónica dos Romenos Moldo-Valáquios*, cujo original latino se perdeu; a história do reinado de seu pai, *Vita Constantini C antemyri*; em latim também um tratado sobre o teósofo belga Van Helmont (*Archaeus faber causae et initia rerum natur alium*), a quem tinha dedicado um encomio (*Encomium. in I. B. Van Helmont et uirtutem physices uniuersalis doctrinae eius*); um tratado sobre o Alcorão, outro sobre o Catecismo; urna lógica (*Compendiolum uniuersae logices institutionis*); uma metafísica (*Sacrosanctae Scientiae. . . imago*); um livro, perdido, intitulado *De statu politico Aulae Othomanicae*; um volume de *Collectanea orientalia* ; etc. Poliglota, orientalista, filósofo e historiador, académico berlinense e asceta de biblioteca, Dimitrie Cantemir é a maior figura da humanística romena.

A maior, entre muitas, pois o alvorecer do classicismo na Roménia conta ainda outros títulos de glória, entre os quais

mencionaremos Nicolae, o Valáquio (1493562 !-), Nicolae Milescu (1636-1709) e Stefan Bergler (1680-1738).

Nicolae, o Valáquio, figura de relevo da Igreja transilvana, metropolitano e regente da Hungria, deixou inúmeros estudos históricos, filológicos e literários, entre os quais a obra capital: *Hungaria, siue de originibus gentis, regionis situ, diuisione, habitu atque opportunitatibus*. Como o seu nome indica, era romeno de origem, e ele muitas vezes o diz nas suas obras, — o que não impediu, contudo, que um povo vizinho o «anexasse», traduzindo-lhe até o nome (*Olahus*).

Nicolae Milescu, depois dos estudos que cursou em Constantinopla e na Alemanha, onde adquiriu vasta cultura, levou uma vida movimentada na corte dos príncipes moldávios, e em 1671 foi para Moscovo, para a corte do Czar, onde se conservou até à morte. O Patriarca de Constantinopla apresentava-o nestes termos ao imperador russo: «E homem muito erudito em latim, em eslavo e sobretudo em grego... Em vão procuraria Vossa Majestade a outro que o igualasse. E Deus quem vo-lo envia.» Se bem que a obra capital de Milescu seja o diário da sua viagem oficial à China, deixou ainda obras filológicas, teológicas, históricas, geográficas e didácticas em várias línguas, sobretudo em grego, mas também em latim, em romeno e em russo. Citemos : *Enchiridion siue Stella orientalis*, em latim e em grego, em que toma partido na disputa entre os católicos e os calvinistas de Port-Royal; um dicionário greco-latino-russo, que depois se perdeu; a primeira versão integral romena do Velho Testamento (feita a partir do grego), versão essa infelizmente perdida também; etc. Admirado pelas grandes figuras do seu tempo, como Pedro, o Grande, Luís XIV e Leibniz, — Nicolae Milescu foi um dos gloriosos precursores da cultura da antiguidade greco-latina na Roménia.

Stefan Bergler, saxão da Transilvânia, é de origem romena; grande conhecedor das línguas grega e latina, é o nosso maior humanista do princípio do séc. XVIII. Os círculos eruditos de Hamburgo e de Amsterdão tinham-no em grande conta e o seu nome aparece frequentes vezes citado, como o de uma autoridade, nos trabalhos filológicos ocidentais. Bergler deixou uma obra variada, como a tradução em latim, com o título cicero-niano de *De officiis*, do tratado do príncipe reinante romeno

Mavrocordat; colaborou na revista filológica de Lipsia *Acta eruditorum*, na *Bibliotheca Graeca medii aevi* de Fabricius, etc. E considerado com razão o nosso primeiro editor de textos antigos: publicou edições muito cuidadas de Aristófanes, de Homero, de Sexto Empírico, de Alcifron, etc., traduzindo os textos gregos para latim. A Bergler se deve também o achado de um manuscrito mais completo da *Historia ecclesiastica* de Eusébio.

Mas todos estes grandes nomes, quer se trate dos cronistas quer dos humanistas, são sobretudo individualidades a quem as circunstâncias permitiram salvar-se do meio infortunado do seu país, para irem estudar e escrever no estrangeiro. Tal foi o caso de Urecke e de Costin, refugiados políticos na Polónia. Como diz Costin ao seu leitor, eles viveram «... tempos terríveis, próprios não para escritos, mas para cuidados e suspiros». Estes «tempos terríveis» fizeram cair a cabeça de Costin, provocaram o exílio de Cantemir na Rússia, impediram, em suma, o estabelecimento de uma verdadeira tradição humanística romena; se um Nicolae, o Valáquio, ou um Nicolae Milescu conseguiram, apesar de tudo, realizar-se, foi porque o primeiro encontrou' a calma na corte do rei da Hungria e o segundo na corte do Czar.

Tal foi o triste destino do povo romeno, obrigado, pela força da sua situação geográfica, a lutar pela existência contra toda a espécie de invasores. Enquanto Portugal criava Camões e tudo o que ele representa como *summum* de cultura clássica, os Romenos apenas recebiam os seus primeiros textos escritos, simples traduções bíblicas, das mãos do diácono Coresi. E, enquanto o Ocidente gerava um Dante, um Rabelais, um Cervantes ou um Shakespeare, os Romenos lutavam pela liberdade nas cobiçadas fronteiras da Dácia trajana.

Mas não foi só o isolamento geográfico que impediu os Romenos de continuarem assimilando os elementos da civilização latina: o ortodoxismo grego e o eslavismo fizeram também que o povo romeno voltasse, por assim dizer, as costas ao Ocidente latino, para só despertar na latinidade muito mais tarde, em pleno romantismo europeu, e só conhecer o seu apogeu literário na segunda metade do séc. xix, com Mihail Eminescu, o maior poeta e o primeiro escritor «clássico» das letras romenas.

Mas, se a literatura romena propriamente dita só se realizou «clássicamente» no séc. xix, os estudos clássicos tiveram na Roménia um grande desenvolvimento na segunda metade do séc. XVIII, com o aparecimento, na Transilvânia, da Escola Latinista, que não só constitui um novo anel da cadeia dos estudos clássicos romenos, depois dos cronistas e dos humanistas, mas representa ainda o verdadeiro despertar da sua consciência latina e nacional. Pormenor significativo: esta escola histórica e filológica não aparece na Valáquia ou na Moldávia, mas na Transilvânia, a província romena que apresentava um ambiente mais favorável aos estudos, graças à sua existência menos atormentada, e mercê também da sua relativa independência em face do ortodoxismo grego e do eslavismo.

Aconteceu realmente, naquela altura, que uma parte dos Romenos da Transilvânia renunciaram à religião ortodoxa para se tornarem católicos (como o são ainda hoje, sob o nome de «unidos»). Por conseguinte, as escolas católicas do Vaticano e de Viena começaram a ser frequentadas por jovens romenos. Aí se formaram os três promotores da Escola Latinista: Samuel Micu (1746-1806), Gheorghe Sincai (1763-1816) e Petru Maior (1761-1821), que puseram a história e a filologia ao serviço da sua tese, isto é, da demonstração da origem romana do povo e da língua romena, no que foram muito mais longe que os cronistas: graças a eles, o alfabeto eslavo, chamado cirílico, foi substituído pelo alfabeto latino. Do seu esforço científico de tendência nacional merecem assinalar-se as obras que indicamos. De Samuel Micu, historiador: *Brevis notitia historiae Valachorum ab origine gentis usque saeculum xviii*; filólogo: *Elementa linguae Daco-Romanae sive Valachicae*; teólogo: *Dissertatio canonica de matrimonio, Dissertatio de ieiuniis Graecae orientalis ecclesiae*, etc.; lexicógrafo: *Dictionarium Latino-Valachico-Germanico-Hungaricum*. De Gheorghe Sincai, filólogo: *Prima principia Latinae grammatices* e uma reedição dos *Elementa* de Micu; historiador: a famosa *Crónica dos Romenos*. De Petru Maior, filólogo: *Orthographia Romana sive Latino-Valachica, una cum clavi*; historiador: *De origine Valachorum; Animadversiones. . .; Reflexiones. . .; Contemplatio recensionis. . .*; lexicógrafo: *Uxico Romeno Húngaro-Latino-Alemão*, elaborado de

colaboração com Micu, e que é o primeiro dicionário etimológico da língua romena.

A Escola Latinista formou várias gerações de filólogos, que haviam de estender a influência da Escola a todas as províncias romenas, dispersas nesse momento sob os domínios turco, russo e húngaro. Os seus três principais continuadores, que a prolongaram até cerca de 1875, são ainda transilvanos: Timotei Cipariu (1805-1877), Aron Pumnul (1818-1866) e August Treboniu Laurian (1810-1881). O latinismo que professam é também militante, como o dos seus mestres, e manifesta-se menos no terreno histórico que no da filologia. Cipariu foi chamado, com justiça, «o pai da filologia romena»; escreveu trabalhos substanciais, como *De latinitate linguae Valachicae*, etc. Laurian, professor de línguas clássicas na Universidade de Bucareste, deixou várias obras, como *Tentamen criticum in originem, derivationem et formam linguae Romanae in utraque Dacia uigentis*; *Breuis conspectus historiae Romanorum*; etc. Todos' estes filólogos forcejavam por estabelecer a língua romena na sua integridade latina, pela eliminação dos termos estrangeiros, pela introdução de uma ortografia etimológica, pela ressurreição dos velhos termos caídos em desuso, etc. Orgulhosos da sua ascendência latina, mestres e discípulos tomaram parte no movimento de exaltação nacional transilvana de 1848 e, passando os Cárpatos, vieram exercer uma influência preponderante no ensino romeno da Valáquia e da Moldávia.

Com a Escola Latinista, acaba o período heróico e militante dos estudos clássicos entre os Romenos. E isto explica-se pelos factos históricos do séc. xix, que vê, em 1858, a união dos dois principados romenos da Valáquia e da Moldávia sob a soberania turca; depois, em 1881, a sua proclamação como reino, que, em 1918, se havia de tornar a Grande Roménia, constituída, enfim, por todas as províncias habitadas pelos Romenos. Esta entrada da Roménia no concerto europeu como estado independente e plenamente cõscio da sua origem latina, que deixava finalmente de ser contestada por vizinhos interessados, permitiu então que a Roménia se voltasse para o Ocidente latino e que os estudos clássicos romenos tomassem por fim um aspecto de *ars gratia artis*, calmamente

elaborada nos seminários e nas bibliotecas das Universidades de Bucareste e de Iasi, a que se juntaram, depois de 1918, duas outras, a de Cluj e a de Cernăuți.

Após uma época de preparação, dominada por dois grandes nomes — o do primeiro indo-europeísta romeno, B. P. Hasdeu (1838-1907), um dos mais sábios filólogos romenos, autor do monumental *Etymologicum Magnum Romaniae*; e o de Grigore Tocilescu (1850-1909), epigrafista de fama europeia, que escreveu inúmeros estudos, em francês e em alemão, sobre as escavações que pela primeira vez empreendeu, na antiga Dácia, de uma maneira científica—, a ciência histórico-filológica romena entra na sua época de florescimento com a consagração de outros dois grandes mestres, criadores de escolas, que, embora já desaparecidos, dominam ainda, e de longe, os estudos clássicos na Roménia: Vasile Pârvan (1882-1927) e Nicolae Iorga (1871-1941).

Vasile Pârvan, muitas vezes comparado com Mommsen, é o maior arqueólogo romeno e um dos maiores do nosso tempo. Professor das Universidades de Cluj e Bucareste, professor agregado da Sorbona, conferencista nas Universidades de Londres e Cambrígia e na Academia das Inscrições de Paris, membro da Academia Arqueológica de Roma, do Instituto Arqueológico Alemão, da Academia «dei Lincei» de Roma, etc., Pârvan, embora tivesse morrido em plena actividade, aos 45 anos, deixou uma incomparável obra de erudição metódica e vistas penetrantes, sobre a antiguidade em geral e particularmente sobre a do seu país, baseada toda ela em escavações pessoais. *Getica*, a sua principal obra, concluída no leito de sofrimento, é uma admirável proto-história da Dácia, comprovativa de que esta província escolheu, desde o ano 1000 a. C., de preferência ao mundo címero-cito-grego do Oriente, o mundo ítalo-ilírio-celta, o mundo ocidental. Eis porque *Getica* é uma tão brilhante como erudita defesa da latinidade romena.

Nicolae Iorga, para quem o passado não tinha segredos, foi um gigante da ciência histórica universal. A bibliografia dos seus escritos ocupa cerca de 2000 páginas em oitavo e inclui volumes publicados em quase todas as línguas europeias, que Iorga manejava com tanta d-estrezza como as clássicas. Este sábio de projecção universal foi recentemente apresen-

tado, de uma maneira circunstanciada, ao público português pelo escritor Mircea Eliade (1), e por isso nos dispensamos de insistir sobre ele, não sem pesar, pois trata-se incontestavelmente do mais formidável cérebro que a Roménia legou à humanidade.

No lapso de tempo que decorreu entre as duas guerras mundiais, os estudos clássicos tiveram na Grande Roménia um êxito extraordinário. As quatro Universidades do país trabalharam em pleno rendimento, com alunos cada vez mais numerosos, sob a direcção de mestres como Iuliu Valaori, D. Evolceanu, D. Russo, D. Burileanu, N. I. Herescu, S. Lambrino, G. Murnu, St. Bezdecki, C. Daicovici, T. A. Najjm, Cezar Papacostea, I. M. Marinescu, C. Balmus, etc. As grandes obras da antiguidade entraram finalmente, em parte, no património da literatura romena, graças a traduções admiráveis (lembramos o Homero de Murnu e Papacostea, o Platão de Papacostea e Bezdecki, o Virgílio de T. A. Naum, o Horácio de Herescu, etc.). Nas escolas romenas de Roma e de Paris, fundadas em 1920 e 1921 por Pârvan e Iorga, forma-se uma brilhante plêiade de estudiosos romenos, historiadores e filólogos, que trabalham nas bibliotecas do Ocidente e se apropriam dos conhecimentos e do método dos grandes mestres europeus. Um Matei Nicolau, por exemplo, falecido em 1938 com 34 anos apenas, era talvez a maior autoridade do nosso tempo em filologia jurídica. Encarregado de um curso na Sorbona e na Faculdade de Direito de Paris, foi colaborador e amigo de Marouzeau, Ernout, Collinet e Giffard, e escreveu brilhantes estudos de filologia e direito romano, como: *L'origine du «cursus» rythmique et les débuts de l'accent d'intensité en latin*, obra coroada pela Academia das Inscrições e pela Escola de Altos Estudos de Paris ; *As Origens da Proposição Infinitiva nas Línguas Clássicas* (em romeno), *Causa liberalis*; etc.

Esta nova geração conta helenistas como Γ). M. Pippidi, juristas-romanistas como Val. Georgescu, filólogos românicos

(1) «Nicolau Iorga, o homerrf que mais escreveu em todo o mundo»; *Acção* de 24-2-1944.

como Al. Rosetti e Sever Pop, etc. Não nos esqueceremos de mencionar os «novos» (isto é: com menos de 35 anos) já consagrados no estrangeiro, como J. Coman, A. Frenkian, Har. Mihăescu, N. I. Lascu, N. I. Barbu, N. Marinescu, Al. Elian, Em. Conduracki, etc. Esta nova geração, uma vez de regresso à pátria, procedeu à reorganização das condições de trabalho científico: surgiram novas bibliotecas, novos institutos, novas publicações.

E assim, citemos o Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Cluj-Sibiu, através de cujo *Anuário* se manifesta a actividade do maior helenista romeno actual, St. Bezdecki, ajudado pelo arqueólogo C. Daicovici, o filólogo T. A. Naum, etc. Assinalemos, na mesma Universidade, o admirável esforço empregado pelo grande filólogo românico Sextil Puscariu, director do Museu de Língua Romena, cujos primeiros volumes do *Atlas Linguístico*, sobre constituírem um verdadeiro monumento de ciência, são a mais persuasiva defesa da latini-
dade da língua romena. Mencionemos igualmente o Instituto de História Universal, o Instituto de História Nacional, o Instituto do Sudeste Europeu, o Instituto Bizantino, a Sociedade de Linguística, etc., sob a direcção dos mestres das quatro Universidades romenas, com periódicos de especialidades redigidos nas principais línguas europeias, como: *Bulletin linguistique*, *Ephemeris Daco-Romana*, *Istros*, *Dacia*, *Daco-Romania*, *Revista Istorică-Română*, *Revue historique*, *Bulletin historique de l'Académie Roumaine*, *Mélanges de l'Ecole Roumaine en France*, *Zalmoxis (Revue de l'histoire des religions)*, etc.

Finalmente — *last but not least* — falemos do Instituto de Estudos Latinos, fundado em 1937 pelo professor N. I. Herescu, titular da cadeira de Língua e Literatura Latina na Universidade de Bucareste. Destinado tanto aos especialistas como ao grande público, o Instituto divide-se em quatro secções (1.^a Publicações; 2.^a Biblioteca, Bibliografia, Trocas; 3.^a Ensino; 4.^a Propaganda) e conta numerosas secções regionais. A sua missão consiste em restabelecer a tradição latina entre os Romenos, lutando contra a crise geral dos estudos clássicos por meio de traduções, conferências, representações teatrais, revistas, etc. Apesar de contar apenas sete anos, quatro dos

quais em plena guerra, o Instituto conseguiu publicar uma série importante de livros, de que citaremos: COLECÇÃO CIENTÍFICA.

— Matei Nicolau, *As Origens da Proposição Infinitiva ñas Línguas Clássicas* (em romeno, 1938); D. M. Pippidi, *Recherches sur le culte impérial* (1939); St. Teodorescu, *Die formelhaften Wendungen bei Homer* (1941); Victor Buescu, *Problèmes d? critique et d'histoire textuelles* (1942); Colecção de Direito Romano — Val. Al. Georgescu, *Les problèmes actuels du droit romain*; Colecção de Edições Críticas — Victor Buescu, *Les « Aratea » de Cicerón* (1941); Colecção Enciclopédica - N. I. Herescu, *Milliarium*, 2 vols. (1941); Colecção de Traduções — N. I. Herescu, *O Soldado Fanfarrão*, de Plauto; D. M. Pippidi, *Poética* de Aristóteles; etc. E estão a sair novos volumes. O Instituto publica também vários periódicos: um boletim anual; uma revista trimestral, *Ausonia*, para a juventude; e uma revista anual, *Revista Clasica*, órgão de actividade científica, publicado em línguas estrangeiras, de que acaba de aparecer o tomo xv, parte 1, de 1943. As publicações do Instituto romeno despertaram um eco favorável no Ocidente, e o seu director alcançou grande êxito com o recente e maciço volume de *Bibliographie de la littérature latine*, publicado em 1943 em Paris, na colecção de Bibliografia Clássica, dirigida por Marouzeau.

Tal foi, nos seus momentos essenciais, minhas wSenhoras e meus Senhores, a vida das ideias e dos estudos clássicos na Roménia: um classicismo, ou, mais exactamente, um latinismo militante através dos séculos, para salvaguardar a própria existência nacional, enquanto a Roménia não existia como estado; e o apogeu fecundo dos estudos clássicos, quando este país obteve, enfim, a almejada independência. A partir da sua «descoberta», feita pelos cronistas do séc. $\chi\nu\pi$, o classicismo romeno evoluiu rapidamente, apesar das condições políticas, até se impor no estrangeiro, mercê de publicações de primeira plana, devidas aos dois Institutos de Cluj e Bucareste, cujos membros mantêm amigável colaboração com todas as organizações semelhantes do estrangeiro.

Como membro fundador do Instituto de Estudos Latinos de Bucareste e vizinho colaborador do seu director, transmito

a saudação cordial do Instituto bucarestino ao Instituto conimbricense e exprimo a minha esperança numa próxima e fecunda colaboração entre estas duas instituições latinizantes da Roménia e de Portugal.

Alocução do Sr. Reitor da Universidade

Senhor Director da Faculdade de Letras:
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Com o maior aprazimento acedi ao convite, que desvanecidamente agradeço, para presidir a esta sessão inaugural do Instituto de Estudos Clássicos. Está dentro das obrigações do cargo que desempenho levar o estímulo do reconhecimento e do louvor a todas as iniciativas que contribuam para o engrandecimento da nossa querida Universidade. E quando, como neste caso, a obra é, apesar de reiterados esforços e diligências, absolutamente desajudada do amparo material do Estado, constituindo por isso o fruto da devoção ilimitada do seu organizador, então há que curvarmo-nos reverentes perante o fervor da dedicação, a tenacidade do esforço e a grandeza do espírito com que se levou a bom termo tal empreendimento.

E por isso que, associando-me gostosamente, em nome da Universidade e no meu próprio nome, aos agradecimentos que o Sr. Prof. Rebelo Gonçalves endereçou a todas as entidades que por qualquer forma concorreram para esta obra, eu não posso, nem quero, deixar de pôr em relevo que essas merítórias ajudas se devem também à sua valorosa propugnação.

A criação do Instituto de Estudos Clássicos representa, a meu ver, um real progresso, pelo desaparecimento de uma grande deficiência. Na verdade, um organismo complexo, como uma universidade, cuja vida espiritual é o somatório de actividades múltiplas, promanadas dos seus órgãos, aperfeiçoa-se por sucessivas diferenciações que vão ganhando a autonomia que as circunstâncias permitem. Tal como acontece em biologia, onde

a evolução dos seres vivos se faz pelo aparecimento de diferenciações morfológicas adstritas a novas funções, assim este novo órgão é uma nova função que se estabelece em condições de mais perfeito rendimento.

Não sendo, mau grado meu, um humanista, mas decididamente pelo humanismo, tenho a convicção, a certeza de que este Instituto prestará à vida espiritual da «Alma Mater» um relevantíssimo concurso e lhe dará novas facetas de irradiação e de brilho.

Deploro vivamente que a actual cultura geral ministrada nos liceus tenha relegado para um plano secundário os estudos clássicos. Também já vai longe o tempo em que os cientistas eram todos humanistas; o enorme desenvolvimento dos estudos experimentais e as inumeráveis aquisições da Ciência esmagam por tal forma as capacidades intelectuais de estudantes e mestres, que toda a actividade de uns e outros lhes tem de ser consagrada. Mas é preciso reconhecer que onde não há um mínimo de preparação humanística não pode haver uma compreensão cabal da simples nomenclatura científica, nem a possibilidade de recorrer, para a história das ciências, aos textos originais, cuja leitura é sempre profícua e fecunda, além de aprazível e deleitosa. E quem, dentro da mais nobre expressão do nacionalismo, combata pela pureza da nossa linguagem, não deixará de recordar o que dizia o Épico:

.. . língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

Este dia é, pois, de festa para todos nós. Louvores e agradecimentos são devidos a quem tão devotadamente o promoveu, para maior glória da nossa Universidade.

Sr. Doutor Victor Buescu:

Condescendeu V. Ex.^a em colaborar com a Universidade de Coimbra nesta sessão inaugural. Honra-nos sobremaneira a presença de V. Ex.^a e o brilhantíssimo contributo que nos

prestou com o magnífico trabalho que, encantados, acabamos de escutar. E o facto de o apresentar na nossa língua desvanece-nos, e mais nos enraíza a profunda convicção de que é nos laços espirituais e milenários da latinidade que podemos e devemos buscar os novos caminhos da solidariedade humana.

A biblioteca do I. E. C

Na sessão inaugural do Instituto de Estudos Clássicos não apenas se mencionaram importantes ofertas de livros que a respectiva biblioteca havia recebido, mas também se anunciaram outras. Com muito gosto se declara agora que as ofertas então anunciadas tiveram plena efectuação, merecendo particular registo, pelo número e valor das espécies, a contribuição do mais notável centro italiano de cultura latina: o Instituto de Estudos Romanos. Dificuldades de todos conhecidas retardaram a chegada dessa contribuição, amavelmente prometida desde 1943; mas, felizmente, puderam elas ser anuladas em meados de 1946, mercê da gentileza e especial deferência do actual director daquele Instituto, o Prof. Quinto Tosatti. E assim é que professores e alunos da secção de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Coimbra têm já à sua disposição grande número de valiosíssimas publicações, tais como: as colecções intituladas *Quaderni delV Impero*, *Quaderni augustei* e *Quaderni liviani*; os volumes da magnífica série *Italia romana*; o primeiro dos subordinados à rubrica *La missione delVbnpero di Roma nella storia della civiltà* (((Atti del V Congresso Nazionale di Studi Romani)); *Collec-tanea urbana*; *I monumenti romani*; *Gli studi romani nel mondo*; *Bollettino di Bibliografia Romana*; e tantas outras obras da maior utilidade.

Como documento esclarecedor de tão vultosa dádiva, reproduz-se aqui, na sua maior parte, um officio que em 6 de Abril de 1943 o Dr. C. Galassi Paluzzi, então director do Instituto